

A EXPERIÊNCIA JUVENIL EM JUIZ DE FORA E VIÇOSA: MODA, CONSUMO E SOCIABILIDADE

*The youth experience in Juiz de Fora and Viçosa: fashion, consume and
sociability*

Castro, Laise Lutz C.; Mestranda; Universidade Federal de Juiz de Fora,
laiselutz1@hotmail.com¹

Ribeiro, Diego da Silva; Graduado; Universidade Federal de Juiz de Fora,
dihego.ribeiro@gmail.com²

Silva, Elisabeth Murilho; Profa. Dra.; Universidade Federal de Juiz de Fora,
murilho@gmail.com³

Resumo

O presente artigo visa conhecer o cotidiano dos jovens contemporâneos em cidades de médio e pequeno porte, como Juiz de Fora e Viçosa. Tal pesquisa tem como objetivo analisar as mudanças ocorridas no cenário juvenil dos últimos quinze anos e seus impactos nesse público. Abordamos no trabalho as áreas de moda, consumo e lazer, embora outras questões sociais também tenham feito parte da pesquisa.

Palavras-chave: Juventude, estilos de vida, cultura juvenil.

Abstract

This article aims to research the daily lives of contemporary young people in medium and small cities, such as Juiz de Fora and Viçosa. The objectives of the research are to analyze the changes in the youth scene of the last fifteen years and its impact on that audience. We approach in this paper the areas of fashion, consumption and leisure, although other social issues have also been part of the research.

Keywords: Youth, lifestyles, youth culture.

¹ Mestranda no Programa de Pós-graduação em Artes, Cultura e Linguagens da UFJF na linha de pesquisa “Arte, Moda: História e Cultura”. Bacharela em Artes e Design na UFJF.

² Graduando em Bacharelado em Moda na UFJF. Bacharel em Artes e Design na UFJF.

³ Doutora em Ciências Sociais (Antropologia) pela PUC-SP, Professora do Programa de Pós-graduação em Artes, Cultura e Linguagens e pesquisadora dos temas: juventude, cultura juvenil, moda juvenil.

Introdução

A pesquisa tratada no artigo é fruto de um recorte do projeto “A Experiência da Juventude - o cotidiano dos jovens em Juiz de Fora, seus enfrentamentos, expectativas e visões sobre sua própria juventude”⁴ que aborda a experiência de jovens, na faixa etária de 15 a 24 anos. O objetivo era conhecer, a partir do ponto de vista dos próprios jovens, o que significa ser jovem hoje, quais as experiências que compõe o cotidiano juvenil entre os habitantes de cidades de menor porte, no caso, Juiz de Fora e Viçosa em Minas Gerais. O interesse nessa pesquisa surgiu da percepção de que, costumeiramente os trabalhos que tratam da juventude relatam situações de jovens de grandes metrópoles brasileiras, como Rio de Janeiro e São Paulo, o que depois é generalizado como sendo a situação do jovem brasileiro. Tais situações não representam a realidade do contexto nacional, não contemplando a vivências não condizentes com esses cenários. No presente artigo, visa-se abordar os temas de moda, consumo e sociabilidade, buscando as relações destes com o vestuário e a construção de identidades e estilos de vida, além de aprofundar a investigação das suas possibilidades e aspirações de consumo, e seu pertencimento ao território.

A juventude tornou-se uma questão para as ciências sociais desde o início do século XX, com as reflexões da Escola de Chicago que se centravam no problema da marginalidade e falta de integração (SHAW, C. e MCKAY, 1942; THRASHER, 1927; SILVA, 2013). Por volta da década de 1950 essa percepção começa a mudar e a juventude passa a ser vista como um grupo distinto, com preocupações identitárias e hedonistas, fruto do novo momento de produção e consumo que a sociedade vivia (HOBBSAWM, 1995).

A “revolução juvenil” dos anos 1960 promoveu uma inversão, transformando a juventude num valor social e cultural. Ela é, assim como os outros grupos sociais, “o encontro das construções e representações sociais com as condições de vida, as experiências e as identidades nas quais os indivíduos se reconhecem e agem”, segundo Dubet (2004: 1). Ou seja, assim como a classe operária ou os estudantes, a juventude é uma categoria

⁴ Projeto contemplado com o Edital Fapemig Universal 2013, sob Coordenação da Profa. Dra. Elisabeth Murilho e conta com bolsa PROBIC/FAPEMIG/UFJF e FAPEMIG/IC.

construída e vivida socialmente e, assim como as demais, é também transitória.

O recorte metodológico utilizado no trabalho foi, em uma primeira etapa, a aplicação de questionários em quatro escolas da rede pública de ensino buscando dados quantitativos que permitissem fornecer um panorama dos temas abordados. Selecionaram-se jovens estudantes do último ano do ensino médio⁵ de quatro escolas secundárias, sendo duas delas os Colégios de Aplicação Federal, nas respectivas cidades, cuja clientela está mais associada a um perfil sócio econômico de classe média e média alta. Posteriormente, duas escolas da rede pública estadual, cujo bairro e os alunos correspondam a um perfil de classe popular. Evitaram-se, nessa pesquisa, os extremos, classes muito altas ou muito carentes, pois se considerou que engendrariam análises muito específicas.

Para a realização da pesquisa de campo, ocorreu a coleta dos dados a partir de questionários desenvolvidos no estudo. Esses abordavam questões como percepção de direitos, aspirações de consumo, gostos musicais e estilo, consumo, moda, lazer e sociabilidade, preconceito, sexualidade e consumo de drogas. A partir desses questionários desdobrou-se o recorte de moda e comportamento para o estudo mais aprofundado destas questões específicas. Com relação à moda e consumo, as perguntas abordavam a relação que eles possuem com a moda, sua autonomia na hora de comprar suas roupas, com qual estilo mais se identificavam e se tivessem uma ascensão econômica ou mais liberdade, como gostariam de se vestir, onde buscam se informar sobre moda e seus estilos musicais preferidos. No campo do lazer, as indagações questionavam o que eles costumam fazer para se divertir na cidade, se costumam sair com seus amigos, se namoram e para destacarem os pontos positivos e negativos de morarem em Juiz de Fora.

Na segunda fase, uma etapa qualitativa começou a ser investigada a partir de conversas em grupos focais, dessa vez englobando os alunos das Universidades Federais de Juiz de Fora e Viçosa. Selecionaram-se um máximo

⁵ Considerou-se que os jovens do último ano do ensino médio estão mais próximos dos jovens universitários em termos de imaginário de carreiras profissionais, idade, autonomia e perspectivas de futuro, pois não se desejava extremos em termos de experiência entre os dois grupos.

de oito alunos para compor cada grupo, buscando uma maior heterogeneidade (mistura de cursos, gêneros, cor/raça) entre eles, para refletirem sobre as questões aplicadas nos questionários de forma mais geral e transcenderem suas experiências pessoais, contribuindo para uma investigação mais densa através destas falas. Essas conversas eram animadas e assistidas pelos pesquisadores.

Entendendo a juventude

Ainda em fase de análise, caminhando para resultados mais concretos, alguns apontamentos interessantes já podem ser destacados a partir dos questionários e dos grupos focais.

No total foram 541 participantes, resultando em 267 questionários aplicados em Juiz de Fora, sendo 201 nas salas de terceiro ano de uma Escola Estadual que abriga alunos de várias partes da cidade e, 66 nas turmas do Colégio de Aplicação de Juiz de Fora. Quanto aos grupos focais, cerca de 30 alunos participaram das conversas tanto nas escolas, como na UFJF. Em Viçosa, somou-se o total de 274 questionários aplicados, sendo 118 no Colégio de Aplicação⁶ e 156 na Escola Estadual. Na realização dos grupos focais, foram contabilizados 31 participantes.

Para um maior esclarecimento da análise, foi feita uma divisão entre Ensino Médio e Ensino Superior a fim de destacar as problemáticas e opiniões de cada grupo, destacando-se as especificidades etárias e relativas a cada etapa da vida⁷.

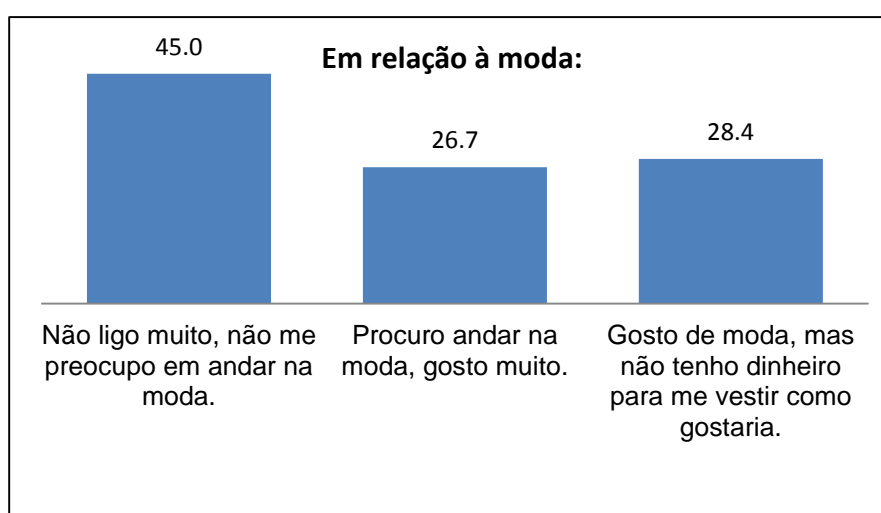
Ensino Médio

⁶ Ressalta-se que o Colégio de Aplicação de Juiz de Fora conta com ensino de primeiro e segundo grau e tem apenas três salas de terceiro ano, enquanto em Viçosa, o Colégio de Aplicação oferece apenas o ensino de segundo grau e, portanto, tem duas salas de terceiro ano. Essa escola foi por vários anos consecutivos a melhor do país, por isso conta com um concurso de seleção de alunos muito concorrido, recebendo estudantes de várias cidades de Minas Gerais e de outros estados do sudeste.

⁷ Todos os nomes que aparecem nas transcrições das falas dos participantes dos grupos focais são fictícios.

No Ensino Médio, na primeira questão sobre moda no questionário, já se percebe uma divisão paritária entre os participantes, com um percentual levemente superior dos que gostam/se interessam sobre os que não se importam em andar na moda. Nos grupos focais, essa divisão continua sem muito destaque. Algumas falas pontuam a vontade de querer seguir a moda, caso tivessem condições financeiras para arcar com isso, além de ser algo visto com mais importância nas falas femininas.

Figura 1: Gráfico sobre a relação dos jovens com a moda.



Elaboração própria, 2015.

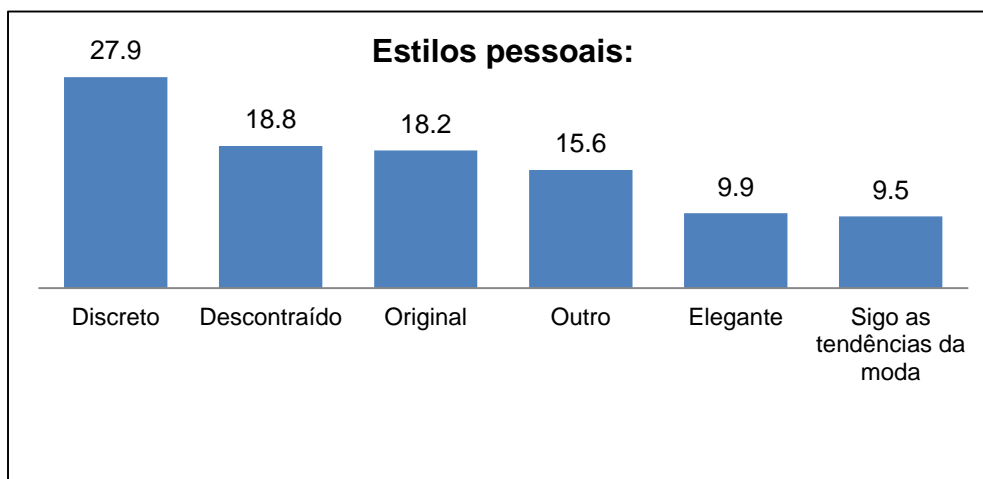
Importante destacar as diferenças de gêneros percebidas através dos questionários e dos grupos. Quanto aos meninos, 63% disseram não se preocupar em andar na moda, já entre as meninas esse percentual cai para 33%, o que mantém a hipótese de uma preocupação maior da parte feminina para se enquadrar na moda e seguir as “tendências” emergentes. Isso corrobora a ideia geral nas sociedades ocidentais de que pressões sobre a aparência se fazem mais fortemente sentir no público feminino que masculino.

A distinção será vista como outro fator importante na hora das escolhas de vestuário. A compra de roupas através da internet é mencionada como uma alternativa visando uma maior gama de opções de peças que não são encontradas na cidade, principalmente apontado pelos estudantes de Viçosa:

‘As vezes é mais barata e a gente não acha muita variedade aqui do jeito que a gente gosta’⁸. A distinção também é importante na hora de direcionar as compras on-line: ‘Se for comprar em loja daqui, vai aparecer gente andando na rua’⁹. Além da questão da personalidade ser expressa através da vestimenta, que os leva à fuga do comum visto nas pequenas cidades cujo comércio é restrito. .

Nos questionários, os estilos “discreto”, “descontraído” e “original” somaram 65% das indicações sobre “estilos pessoais”. 49% se dizem satisfeitos com o estilo atual; 22% gostariam de se vestir de forma “elegante” caso tivessem mais liberdade/dinheiro e 9,5% prefeririam seguir as tendências da moda. Durante a análise dos dados, notou-se que a categoria “elegante” não aparece como algo definido, não se sabe o que eles definem como elegância. Essa categoria coloca-se mais em uma posição de aspiração, caso houvesse condições financeiras de mudança de estilo pessoal. Sobre mudar o estilo caso tivessem maiores condições financeiras, as falas se dividem um pouco, tendendo para um conformismo pelos meninos, e uma vontade de mudança maior na fala das meninas.

Figura 2: Gráfico sobre os estilos pessoais.



Elaboração própria, 2015.

⁸ Mariana, Escola Estadual de Viçosa, 19/11/2015.

⁹ Jéssica, Escola Estadual de Viçosa, 19/11/2015.

No Colégio de Aplicação em Viçosa, a questão do conforto é citada como algo importante devido à falta de tempo dos estudantes: *‘Eu me preocupo menos com o que vou vestir e mais com o conforto por conta da cidade mesmo, as pessoas da cidade aqui não se importarem mesmo com o que os outros tão vestindo’*¹⁰. Como uma grande parte da população é de estudantes, ocorre um "relaxamento", certa despreocupação ao se vestirem, segundo esses relatos¹¹. Já no Colégio de Aplicação em Juiz de Fora, onde os alunos, em sua maioria, são provenientes da própria cidade – diferente da composição estudantil de Viçosa, onde se percebe maior trânsito intermunicipal – essas questões não foram apontadas nas falas.

Entende-se que os estilos pessoais são muitas vezes influenciados pelo gosto musical, mas nos questionários isso não apareceu como um fator limitador. Nos grupos focais três estilos foram mais citados como referências de estilo: o *rap*, o *reggae* e o *funk*. Apesar desses apontamentos, na realização dos grupos, uma das falas expõe um ecletismo nas escolhas de vestuário, o que pode conter uma mistura de vários estilos musicalmente influenciadores cotidianamente: *‘Assim, é uma mistura de tudo. Hoje eu acordei meio indie, roqueira, hoje eu acordei tipo meio esporte assim’*¹².

Ao abordar questões sobre consumo, os gastos com alimentação, roupas, bebidas, livros e lazer são mencionados nas falas dos alunos. A partir dos questionários, nota-se que alguns dos estudantes reservam parte do seu dinheiro para comprar alguma coisa que deseja (28,1%) e outros gastam com saídas nos fins de semana (25,1%), algo frequentemente destacado nos grupos. A economia de gastos para se utilizar em desejos futuros é também recorrente nos grupos, mais nos colégios de aplicação das duas cidades: *‘Eu tenho um tipo de visão assim, de guardar dinheiro pra uma necessidade futura, ou pra alguma coisa futuramente. Eu não tenho necessidade de gastar atoa sabe? Eu já tenho tudo que eu preciso.’*¹³.

¹⁰ Luísa, Colégio de Aplicação Viçosa, 19/11/2015

¹¹ Além de serem provenientes de várias cidades, esses alunos estudam e moram no campus universitário, onde fica o colégio. Além disso, o ensino é integral, o que faz com que estejam envolvidos em atividades escolares o tempo todo, sendo raras as interações sociais fora do grupo de alunos

¹² Jéssica, Escola Estadual de Viçosa, 19/11/2015.

¹³ Paulo, Colégio de Aplicação de Juiz de Fora, 12/11/2015

Como os alunos do Colégio de Aplicação de Viçosa já moram, em sua maioria, sozinhos ou em repúblicas, os gastos com alimentação são recorrentes na maioria das falas. Outro fator interessante, é que devido ao fato de terem de administrar o orçamento, os alunos já possuem uma maior noção dos gastos, de forma que poupam em algumas situações a fim de investirem em outras, guardando muitas vezes para despesas ou aspirações futuras. Nesse sentido, revelaram uma maior autonomia na gestão de suas vidas em relação aos outros alunos do ensino médio.

O valor dado perante seu próprio dinheiro é diferente do dinheiro dos pais. Este último é gasto com mais facilidade que o de ganho próprio através de empregos informais ou bolsas estudantis. *‘Eu gosto muito de gastar o dinheiro dos outros. Dói um pouco eu pegar o meu próprio e gastar. Aí é mais fácil né?!’¹⁴. ‘Eu fico com pena de gastar também, aí eu guardo’¹⁵.*

O dinheiro do lanche na hora do intervalo também é utilizado como uma forma de renda para outros fins:

Na época que meu pai me dava dinheiro pra eu comer no intervalo, isso mais antes sabe, porque eu entrei ano passado aqui no colégio, eu não comia, eu deixava pra comer em casa, passava fome pra juntar o dinheiro e sair, igual, ir pra uma festa, fazer uma coisa assim, comprar qualquer coisa. (André, Colégio de Aplicação Juiz de Fora, 12/11/2015).

Percebe-se, através dessa fala, a importância do dinheiro para uma gestão mais autônoma dos desejos: ir a festas, sair, comprar algo. A condição juvenil, de poder gozar de experiências lúdicas típicas da idade não pode, na maioria das vezes, ser realizada sem o dinheiro (ABRAMO, 1994) e, nesse sentido, os estudantes tentam fazer economias burlando o controle dos pais.

Quando perguntados sobre consumo em geral em alguns grupos já se percebe uma conotação negativa e moralizante sobre o tema, além de um sentimento de que este deve ser consciente, como pontua uma aluna do Colégio de Aplicação de Juiz de Fora:

Só que aí às vezes, eu paro pra pensar, como a gente tem aqui a aula de filosofia e sociologia que trata mais sobre esse assunto, aí eu paro pra pensar 'nossa o que eu tô fazendo não é certo' só que eu

¹⁴ Letícia, Colégio de Aplicação de Juiz de Fora, 12/11/2015

¹⁵ Bruna, Colégio de Aplicação de Juiz de Fora, 12/11/2015

não consigo fazer nada pra mudar entendeu? Ainda não consigo.
(Letícia, Colégio de Aplicação Juiz de Fora, 12/11/2015).

Percebe-se, além da preocupação de ligar o consumo ao desperdício, também a valorização das práticas de consumo consciente, quando a entrevistada o declara, de forma espontânea, quando na verdade a pergunta não era essa e sim “o que costumam consumir?”

Nas questões relativas ao lazer, a atividade “sair com amigos” foi a mais indicada (63,3% dos alunos) nos questionários, que somada a “Ir a bares, beber com os amigos” (18,1%) alcançou 81,4% dos alunos. Esportes, internet e jogos também são atividades comentadas nos grupos focais.

Eventos religiosos são citados como opção de lazer, o que já esperado devido à grande porcentagem de seguidores de alguma religião nos questionários (74,1%). Se compararmos com o trabalho de Helena Abramo¹⁶ sobre os jovens punks, do final da década de 1980 ou de Hermano Vianna¹⁷ sobre o *funk* carioca, do mesmo período, é significativo que sair com amigos continue como a forma de lazer e sociabilidade típica da idade, no entanto, as danças e diversões em torno da música não estão em cena, seja porque nessas cidades a opção é pouco oferecida, seja por questões geracionais e transformações desses significados no período atual.

Serem menores de 18 anos não os impede de entrar nos locais e nem de consumir bebidas alcoólicas. Eles procuram alternativas para burlar o uso da carteira de identidade e falam sobre isso abertamente, mas normalmente não são controlados.

Ensino Superior

No ensino superior adotou-se apenas a realização de grupos focais, pois considerou-se que o questionário servia mais ao propósito de fornecer um panorama de questões, o que já havia sido levantado com os jovens do ensino médio.

¹⁶ ABRAMO, Helena W. *Cenas juvenis – punks e darks no espetáculo urbano*. São Paulo, Scritta, 1994.

¹⁷ VIANNA, Hermano; *O Mundo do Funk Carioca*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1997.

A relação dos universitários com a moda já possui características mais delineadas. A intenção de distinção aparece nos grupos focais na UFJF. Vestir-se de forma distinta é lembrado como uma questão de personalidade, de exteriorizarem sua identidade:

Eu faço isso pra mostrar a minha personalidade pra outras pessoas, pra eles verem assim que eu já sou alguém que se distingue um pouco e, e fora isso, meu estilo é basicamente esse. Só pra meu eu sendo revelado. Eu visto o que eu quero, quando quero, e não me importa se tem algum rótulo. Minha mãe sempre fala isso (...) eu sou o que eu visto! Eu sou o que eu apareço! (Júlia, UFJF, 28/11/2015).

Percebe-se também que há mudanças de estilo no período da faculdade. Ocorre certo direcionamento para estilos conforme aos amigos na adolescência, mas que já não é mais seguido com tamanha frequência. *‘Acho que eu mudei nesse ponto. Eu queria mesmo ter aquele estilo de skatista, acho que hoje em dia eu só quero tá vestido e deixo pra gastar nas partes que eu gosto’¹⁸*. Nesse sentido, percebe-se maior segurança em sustentar uma aparência que não corresponda a uma identidade de grupo.

Um despojamento maior também é lembrado como algo recorrente após o ingresso na universidade, como comenta um estudante da UFV: *‘Quando eu era calouro, eu queria vir todo arrumado pra universidade e todo aquele estilo. Hoje em dia eu pego aquela camiseta de festa aí que tem que é pra divulgação e bermuda e chinelo’¹⁹*

As roupas confortáveis são lembradas por alguns participantes como algo importante. Principalmente em Viçosa, isto parece ser de extrema importância para os alunos devido ao clima quente da cidade. Como também apontado pelos estudantes do Ensino Médio do Colégio de Aplicação da mesma cidade: *‘Eu sou muito largada com roupa. Eu gosto do mesmo tênis há 15 anos, eu tenho a mesma calça há 3 anos e sempre vai ter aquela blusa que, nossa, ela quase anda atrás de mim assim’²⁰*.

A mudança de estilo de acordo com o curso também é citada. Segundo uma participante da UFJF, devido ao curso de engenharia ser conservador, ela teve que passar a se vestir de forma mais "séria":

¹⁸ Leandro, UFJF, 28/10/2015

¹⁹ Matheus, UFV, 18/11/2015

²⁰ Luísa, Colégio de Aplicação de Viçosa, 19/11/2015

Os professores não, não levam a sério, assim, eles julgam muito a aparência, acho que assim, isso é muito nítido da engenharia. (...) Então, por exemplo, ah eu gostava muito de vir com blusa estampada, de desenho, de minion, de Chaves, essas coisas eu gosto muito, e aí de repente, eu sou do Diretório Acadêmico, aí você vai pedir um favor pro professor, você não pode tá com uma blusa assim porque ele não vai te levar a sério. Então você tem que mudar a sua roupa, tem que mudar a sua postura, você não pode falar de certa forma... Então pra mim foi uma quebra muito radical do colégio pra faculdade. (Larissa, UFJF, 16/12/2015).

Já outra participante, desta vez do curso de direito, não obteve reclamações quanto a forma de se vestir dizendo que mesmo no curso citado ela mantém seu estilo tranquilamente. Em Viçosa, a reclamação também permanece, pois devido ao estágio e aos cursos da área de saúde, acabam tendo que voltar seu vestuário para roupas formais ou brancas. Essas situações são reveladoras da passagem do universo adolescente-juvenil para uma vida profissional mais próxima do universo adulto, em que as roupas ajudam a compor e dar credibilidade a papéis sociais, que em breve serão exercidos (CRANE, 2006).

A questão financeira, assim como foi relatada nos grupos focais e nos questionários do Ensino Médio, apresenta-se como fator determinante também no Ensino Superior, impedindo de seguirem determinados estilos ou as tendências do momento. Uma das falas demonstra a frustração por não conseguir seguir sua vontade:

Eu acho que nessa questão de roupas, é... pelo menos pra mim, eu idealizo muita coisa, penso muita coisa, quero esse tipo de coisa, quero esse tipo, queria trocar todas as minhas roupas por essas outras roupas, mas não sobra nada. No máximo que eu compro é no dia a dia alguma roupa. Uma camisa super básica que eu posso colocar com qualquer outra coisa e pronto. Eu preciso muito de roupa branca, então eu compro uma branca e fico com ela e acabou. No máximo isso! (Eduardo, UFV, 18/11/2015).

Um aluno da UFV, que se mudou recentemente para Viçosa, diz que ainda prefere comprar suas roupas quando vai para sua cidade natal, São Paulo, devido à falta de opções na cidade para o seu estilo “skatista”. Alguns alunos dessa cidade declararam ainda serem vestidos pelos pais ou outras pessoas da família, como uma opção para poupar seu dinheiro ou gastá-lo com outras coisas de seu interesse.

Marcas não são vistas como prioridades por nenhum dos participantes dos grupos focais nas universidades abordadas.

O consumo aparece nos grupos focais do Ensino Superior assim como nos do Ensino Médio, com uma conotação negativa, frisado em um dos grupos da UFJF:

Não aceito muito bem a ideia de gastar muito dinheiro em coisas supérfluas, é uma coisa que assim, eu costumo evitar. Eu sou meio mão de vaca e se for pra gastar mais assim com alguma coisa eu prefiro que seja uma viagem, uma coisa assim que eu consiga levar a prazo. (Natália, UFJF, 28/10/2015).

Quando se trata de saídas noturnas, um pensamento similar aparece: *‘Eu acho muito supérfluo, uma coisa que vai acabar numa noite e eu não vou levar pra minha vida’²¹.*

Ao mesmo tempo em que um consumo consciente foi apontado, surge também um consumo exacerbado expresso em comentários como *‘Amo promoções!’* e *‘Eu não queria ser assim, consumista, mas o consumismo me escolheu... Eu compro bastante coisa apesar de ser meio contra o capitalismo, mas tem coisa que a gente não escolhe na vida.’²²*

Morar sozinho ou em república direcionou a renda para manutenção da casa ao invés de roupas, maquiagens, saídas e outros gastos que eles apontam como supérfluos. Como a maioria entrevistada veio de outras cidades para estudar, o consumo voltado a alimentos, produtos de casa, contas de internet e TV a cabo, acabam prevalecendo na hora de se gastar. Os gastos com comidas e bebidas são os mais lembrados em ambas as cidades:

Até porque, geralmente, o lazer tá envolvido com a comida né? Tipo, não tem muitas atrações aqui em Viçosa então assim, ‘vão passear? Vamos. Vamos comer alguma coisa!’ Então a gente acaba gastando nesse sentido, muito com comer fora, principalmente fora. (Adriano, UFV, 18/11/2015).

O mesmo ocorre em Juiz de Fora, onde a maior oferta de lazer está em bares e restaurantes, sendo raras as atividades de lazer oferecidas pelo poder público. O deslocamento para a cidade natal, CDs, livros, xerox, cosméticos e roupas também são direcionamento de gastos citados.

²¹ Daniel, UFJF, 28/10/2015

²² Arthur, UFJF, 28/10/2015

Sair com os amigos para bares, shows, festas pagas, festas nos Campi, esportes e futebol são mencionados. Ir para a casa de amigos ou ficar em casa também é constante nas falas, pois economiza-se nessa forma de lazer. Ficar em casa é considerado um lazer para os alunos devido a questão financeira e também por vontade própria. Sair para os locais pagos (baladas, bares) não é uma prioridade e nem a única forma de lazer. *‘Porque é difícil mesmo bancar essas festas elitistas e tudo.’*²³ Juntar amigos em casa e gastar em produtos para consumo comum é mencionado como uma forma de lazer econômica e divertida, presente em várias falas, ressaltando que se sentem mais à vontade.

Uma das falas de um aluno natural de Juiz de Fora relata a falta de programas e companhias durante o período de férias da universidade, porque as maiorias dos seus colegas retornam para as cidades de origem: *‘Fica meio assim, sem sair, sem fazer nada e... aí é bom, quando todo mundo volta pra faculdade’*²⁴.

Considerações Finais

Ainda em fase de finalização, a pesquisa permite apontar algumas transformações no que se refere à experiência da juventude contemporânea. Primeiramente, percebe-se que ser jovem numa cidade pequena ou média, onde as possibilidades de lazer são limitadas pela oferta ou pelo custo, tem um impacto direto nas formas de sociabilidade desses jovens, limitando os contatos interclasses sociais e engendrando estratégias para driblar a monotonia.

De outra parte, percebe-se também um ganho em autonomia em decorrência da necessidade de morar fora por causa dos estudos, o que não acontece com os jovens que continuam a estudar na mesma cidade de seus pais. Esse grau de maturidade, muito possivelmente, não é o mesmo de jovens de grandes cidades que continuam a viver com sua família. Essa nova vida incorre em cálculos em termos de gastos, consumo e diversão, levando a economias nas esferas que os adultos poderiam considerar mais necessárias

²³ Daniel, UFJF, 28/10/2015

²⁴ Arthur, UFJF, 28/10/2015

(comida, livros, transporte) em prol de diversão e consumo hedonista. Nesse sentido, embora dotados de maior maturidade, seu cálculo permanece permeado pelos desejos típicos da idade.

Já a moda aparece como uma questão de maior impacto para os estudantes de segundo grau, ainda próximos da adolescência e de um universo com maiores exigências de aceitação e uma identidade ainda em formação. No ambiente universitário, no entanto, a moda não deixa de ter importância, mas se expressa através de escolhas mais identitárias e seguras, com maior preocupação de identidade pessoal do que grupal, embora também expresse pertencimento a grupos específicos de acordo com as carreiras escolhidas.

Referências

ABRAMO, Helena W. *Cenas juvenis – punks e darks no espetáculo urbano*. São Paulo, Scritta, 1994.

BOURDIEU, Pierre. “A juventude é apenas uma palavra”. In: *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro, Marco Zero, 1983.

CRANE, Diana. *A moda e seu papel social: classe, gênero e identidade nas roupas*. São Paulo: Senac, 2006.

DUBET, GALLAND, O. e DESCHAVANNE, E. (orgs). *Comprendre les jeunes. Revue de philosophie et de sciences sociales*. N°5, Paris, PUF, 2004.

VIANNA, Hermano; *O Mundo do Funk Carioca*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor. 1997.

HOBBSBAWM, Eric. *Era dos extremos – o breve século XX (1914-1991)*. São Paulo, Companhia das Letras, 1995.

SHAW, Clifford R.; MCKAY, Henry D. *Juvenile delinquency and urban areas*. Chicago, Ill.: The University of Chicago Press, 1942.

SILVA, Elisabeth Murilho. “É possível falar de tribos urbanas hoje? A moda e a cultura juvenil contemporânea”. *Iara – Revista de Moda, Cultura e Arte*. Nº4, vol. 1, 2011. Disponível em www.iararevista.sp.senac.br

_____, “Cultura juvenil, lazer e violência”. In: FRAGA, P. C. P. e IULIANELLI, J. A. S. *O tempo real dos jovens – juventude como experiência acumulada*. Rio de Janeiro, Letra Capital, 2013, pp. 191-213.

THRASHER, Frederic M. *The Gang : a study of 1,313 gangs in Chicago*. Chicago, Ill.: University of Chicago Press, 1927.